

COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO: O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DAS ABORDAGENS CLÁSSICAS AOS ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS

COMMUNICATION FOR DEVELOPMENT: ROUTE THEORETICAL - METHODOLOGICAL OF CLASSICAL APPROACHES TO CONTEMPORARY APPROACHES

Clóvis Reis¹
Regina Hostin²

Resumo

O presente trabalho teve como propósito revisar os pressupostos teóricos da Comunicação para o Desenvolvimento (CD) das abordagens clássicas aos enfoques contemporâneos, evidenciando as relações do campo da CD com as teorias da Comunicação e do Desenvolvimento. A pesquisa é estruturada a partir de um estudo bibliométrico, realizado em bases de dados nacionais e internacionais, com o recorte dos últimos 20 anos. Constata-se que a Comunicação para o Desenvolvimento – assim como a Comunicação e o Desenvolvimento – apresenta diferentes concepções ao longo do tempo. O resultado é uma CD complexa e diversificada, sem uma base teórica uniforme ao longo da sua trajetória.

Palavras-chave: Comunicação para o Desenvolvimento. Comunicação. Desenvolvimento.

Abstract

The purpose of this study was to review the theoretical assumptions of the Communication for Development (CD), from classical approaches to contemporary approaches, highlighting the relationship between the field of CD and the theories of Communication and Development. The research is structured from a bibliometric study, carried out in national and international databases, in the last 20 years. It was found the Communication for Development - as well as Communication and Development - presents different conceptions over time. The result is a complex and diverse CD, without a uniform theoretical basis throughout its trajectory.

Keywords: Communication for Development. Communication. Development.

¹ Doutor em Comunicação. Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau – SC, Brasil. E-mail: clovis@furb.br

² Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau, Blumenau – SC, Brasil. E-mail: regina.compartilha@gmail.com

Introdução

Desenvolvimento e comunicação são conceitos que se relacionam. Dependendo da concepção de Desenvolvimento e de Comunicação, chega-se a uma teoria de Comunicação para o Desenvolvimento (CD). Um paradigma de Desenvolvimento hierárquico, de cima para baixo, alinha-se a uma corrente de Comunicação para o Desenvolvimento no mesmo sentido. Ao contrário, uma proposta de Desenvolvimento baseada na democracia instiga uma ação comunicativa emancipatória. De fato, como pondera Peruzzo (2014, p. 161), “os modos de comunicação repercutem os modelos de desenvolvimento que as forças que se fizeram dominantes foram capazes de assegurar”.

Ao construir uma linha do tempo com as abordagens teóricas da Comunicação para o Desenvolvimento (CD), Hostin (2018) identifica quatro etapas históricas na trajetória da disciplina ao longo do último século. Em um primeiro momento (1940/1950), a CD apresenta estudos cujo enfoque é a difusão das inovações, os quais têm como referência em termos de desenvolvimento a Teoria da Modernização. Numa fase seguinte (1960/1970), o campo transita para uma abordagem participativa, cujo parâmetro é a Teoria da Dependência. Posteriormente (1980/1990), a perspectiva participativa se amplia em sintonia com uma interpretação do desenvolvimento que envolve as dimensões humana, local/regional e sustentável. No limiar dos anos 2000, a CD se volta para questões como a dialogicidade, a performatividade e a midiaticização, em correspondência com uma visão de desenvolvimento que inclui aspectos como o bem viver, o bem-estar social e a felicidade.

Nesse contexto, o presente trabalho faz uma revisão das teorias da Comunicação para o Desenvolvimento até chegar às abordagens contemporâneas e às novas perspectivas para os estudos na área. O estudo se fundamenta em uma pesquisa bibliométrica que identificou os autores e as publicações mais relevantes nos últimos 20 anos. Os resultados aqui apresentados são parte de uma investigação mais ampla, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (Furb). A exposição constitui uma aproximação preliminar ao tema, que dialoga com os postulados de Waisbord (2002), Servaes (2004), McAnany (2012) e Peruzzo (2014), entre outros pesquisadores de referência nesse campo do conhecimento.

Desenvolvimento

A relação entre Comunicação e Desenvolvimento deu origem à Comunicação para o Desenvolvimento. A CD reúne estudos, conceitos e práticas em Comunicação com foco no Desenvolvimento e, conforme o contexto de mundo, assumiu diferentes características. Seus precursores são Daniel Lerner (1958), Wilbur Schramm (1964) e Everett Rogers (1962).

Segundo Peruzzo (2014), os pioneiros da CD se inspiraram na Teoria da Modernização, uma concepção de Desenvolvimento focada no progresso econômico advindo da difusão do capital e das inovações tecnológicas provenientes dos países ricos do ocidente para as sociedades consideradas subdesenvolvidas. Trata-se de um conceito de Desenvolvimento de orientação liberal (ESCOBAR, 2005), que influenciou a elaboração de políticas públicas ao redor do mundo.

A partir dessa teoria, derivaram vários estudos, sendo o da Difusão de Inovações o que recebeu maior destaque, predominando por décadas no campo da CD. A Difusão das Inovações nasceu nos idos de 1940, expandiu-se em 1960 e, nos anos 1970, passou por uma crítica introspectiva (ROGERS, 1983). Os teóricos modernistas da CD tinham como premissa uma suposta falta de conhecimento na raiz dos problemas de Desenvolvimento e estabeleceram como base de seus estudos a difusão de inovações (por exemplo, a inclusão de tecnologias, como rádio e TV) e a mudança de comportamento. Portanto, as intervenções deveriam fornecer informações para mudar a situação (WAISBORD, 2002). Com isso, a Comunicação foi adotada como um instrumento que resolveria tais entraves, graças ao seu poder educacional, podendo atuar sobre o analfabetismo, as condições de saúde, a educação etc.

Marques de Melo (1976) assinala que, para auxiliar os países subdesenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial, a Unesco realizou diversos estudos, a fim de conhecer a situação dos meios de comunicação em todo o mundo e comparar o fluxo de informações entre as áreas mais e menos adiantadas. O resultado revelou poucos meios de comunicação de massa nos locais menos desenvolvidos, o que deixava a população à margem de certos conhecimentos. Porém, para alguns estudiosos, os meios de comunicação eram usados para manipular e persuadir as massas a comprarem mais, estimulando a dependência e facilitando o escoamento de produtos do Primeiro Mundo (CHAPARRO, 2012).

Os estudos pioneiros da CD, derivados da Teoria da Modernização, ancoraram-se em conceitos de Desenvolvimento, principalmente, sob as perspectivas econômica e política e num ambiente marcado pela Comunicação de Massa. Nesse campo especificamente, os estudiosos se inspiraram num conjunto de Teorias da Comunicação que, segundo Lima (2001), ocupavam-se com temas como a informação, a persuasão e a manipulação.

A segunda etapa da trajetória histórica da CD contempla os estudos inspirados na Teoria da Dependência. Os questionamentos e as críticas aos modelos dominantes (Modernização e Difusão) da CD foram aumentando no decorrer de 1960 em várias partes do mundo, como na Ásia, na África e na América Latina. Assim, em meados dessa década, emergiu na América Latina uma abordagem de Desenvolvimento denominada de Teoria da Dependência, que se estendeu até o começo dos anos 1980 (BELTRÁN, 2005; SERVAES, MALIKHAO, 2003). Trata-se de uma concepção de Desenvolvimento fundada no paradigma marxista (ESCOBAR, 2005).

O surgimento da Teoria da Dependência contribuiu para posicionar a razão do subdesenvolvimento não na cultura das populações do Sul, mas em sua relação de dependência dos países do Norte (BARRANQUERO, SÁEZ, 2015). Os países subdesenvolvidos dependiam política e culturalmente do Ocidente, especialmente dos Estados Unidos (WAISBORD, 2002). Havia também, na Teoria da Dependência, uma crítica à relação desigual no intercâmbio comercial de bens e serviços com os Estados Unidos, a qual produzia um déficit crônico e crescente para os latino-americanos.

Um conjunto de fatores contribuiu para o movimento vingar na América Latina: o contexto político, econômico e sociocultural, resultado de uma profunda situação de dependência e subdesenvolvimento; revoluções populares em Cuba e no Chile; ações e organizações críticas, como a dos Países Não-Alinhados e do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal); e um histórico de experiências práticas em comunicação geridas nas próprias comunidades, que surgiram de forma espontânea em várias partes da AL (BARRANQUERO, 2005). No Brasil, o economista e professor Celso Furtado contribuiu para a compreensão dessa teoria. Para ele, “o controle do progresso tecnológico e a possibilidade de impor padrões de consumo, da parte de certas economias, passa a condicionar a estruturação do aparelho produtivo de outras, as quais se tornam dependentes” (FURTADO, 1986, p. 183).

Da Teoria da Dependência, derivaram estudos e práticas de Comunicação diferentes das concepções propostas pelos pioneiros que se inspiraram na Modernização. Dessa forma, começou a se modelar uma nova Comunicação para o Desenvolvimento, num cenário no qual ainda predominava a Comunicação de Massa (vertical). Os teóricos dependentistas da CD questionavam se os meios de comunicação podiam funcionar como agentes de mudança, pois acreditavam que as mensagens midiáticas reforçavam uma ideologia conservadora e capitalista, além de uma cultura consumista (SERVAES, 2008 [1985]). Portanto, os dependentistas viram não somente a necessidade de conceber um modelo de Desenvolvimento diferente, mas também de reexaminar os conceitos de Comunicação. Dessa forma, surgiram inúmeras experiências de comunicação alternativa e participativa em ambientes comunitários, em busca de espaços de expressão antes inexistentes. Não havia um modelo de comunicação que abrigava as iniciativas. A teoria surgiu depois e recebeu inúmeras denominações, como comunicação popular, horizontal, dialógica, participativa, entre outras (GUMUCIO-DAGRON, 2010).

Ainda no campo da Comunicação cabe ressaltar a dependência cultural tratada na Teoria Crítica da Comunicação. De acordo com Lima (2001), a Teoria Crítica da Comunicação tem sua origem no trabalho dos autores identificados com a Escola de Frankfurt, que analisaram a produção industrial dos bens culturais e viam a comunicação como uma mercadoria. À chamada indústria cultural, cabia fornecer bens padronizados para satisfazer as numerosas demandas. Dentro dessa perspectiva teórica, surgem na década de 1970 os estudos sobre as políticas nacionais de comunicação, focados no desequilíbrio do fluxo de informações, notícias e entretenimento.

Como o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos não se confirmou nos modos previstos, surgiram novos modelos teóricos, como o Participativo. Tal como os teóricos da Dependência, os autores que defendiam um enfoque Participativo, criticaram os estudos advindos da Modernização. Servaes (2004) afirma que a proposta participativa de desenvolvimento incorpora os princípios de um “Outro Desenvolvimento”, estabelecidos pela Fundação Dag Hammarskjöld, em 1975.

Nesse caso, trata-se de um Desenvolvimento que está relacionado com a satisfação das necessidades básicas, endógeno, que deve estar em harmonia com o meio ambiente e que exige

transformações estruturais (SERVAES, 2004). Sua base é a democracia participativa. A abordagem pós-estruturalista, na segunda metade dos anos 1980 e 1990, adota uma perspectiva crítica do Desenvolvimento como um discurso cultural (ESCOBAR, 2005).

Para Peruzzo (2012), o modelo participativo não se refere a uma questão econômica, de progresso ou de aumento de renda, mas trata da participação, da integração, da sustentabilidade e da igualdade, no sentido de proporcionar retorno dos benefícios a todas as pessoas. Desse modo, implica “a participação ativa da população local como sujeito e, portanto, interferindo, decidindo e se auto-organizando, sem medo de exigir e encontrar saídas coletivas de superação dos antagonismos de classe” (PERUZZO, 2012, p. 8).

Os estudiosos do enfoque Participativo bem como os dependendistas desejavam modelos de desenvolvimento e de comunicação mais democráticos, horizontais e com foco nas pessoas, além de uma valorização da cultura local. Os teóricos defendiam que o campo da CD deveria atender para a consciência da diversidade cultural e do contexto específico, que não foram considerados pelos teóricos que se basearam na Modernização bem como para a importância do conhecimento local e a participação dos membros da comunidade, para que os programas tivessem êxito (WAISBORD, 2002).

Vários teóricos da América Latina (e de fora dela), como Luis Ramiro Beltrán, Paulo Freire e Antonio Pasquali, entre outros, dedicaram-se a reexaminar os conceitos de Comunicação com foco no Desenvolvimento, fazendo emergir um olhar crítico sobre o campo. Eles almejavam um modelo diferente e se propuseram a repensar a natureza do fenômeno da Comunicação de acordo com a sua realidade econômica, social, política e cultural (BELTRÁN, 2005). A busca era por outros meios e formas de Comunicação, um modelo mais horizontal, que, na prática, propiciasse a todos o direito de receber informação e de comunicar (DE BUSTOS, 2007); que tivesse foco em dinâmicas coletivas (DEL VALLE, 1997); que envolvesse as pessoas na troca de pontos de vista e confiasse mais nos meios interpessoais, facilitando o diálogo (WAISBORD, 2002).

A inspiração no campo comunicacional surgiu da Teoria Dialógica e da Teoria da Cultura. Reconhecida internacionalmente, a perspectiva dialógica de Freire centrou-se no processo da comunicação humana e no uso de meios comunicacionais produzidos pelas comunidades para seu autoconhecimento, para o reconhecimento dos outros e da própria realidade (BARRANQUERO, 2005). Enquanto os paradigmas pioneiros da CD tinham como sinônimo a transmissão de informação de forma vertical, o modelo de Freire, baseado no diálogo, sustentava-se numa comunicação horizontal, composta de reflexão e ação para conhecer a si e a realidade de mundo. No mesmo sentido, o modelo teórico denominado Cultura trata da comunicação definida com significação oposta ao polo da transmissão, isto é, como compartilhamento (LIMA, 2001).

O auge do enfoque Participativo na CD foi nas décadas de 1980 e 1990. Nesse período, produzem-se estudos que centram a atenção nos meios alternativos à margem dos sistemas dominantes. O movimento foi estimulado pela percepção de que os governos continuavam ignorando as políticas de comunicação democratizantes relacionadas aos conteúdos da Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação e do Relatório MacBride e, por isso, a atenção foi para projetos de caráter alternativo, artesanal e comunitário (ANGEL; BARRANQUERO, 2015). Três grandes revisões atualizaram teoria e prática da CD e expuseram ainda mais o conceito Participativo. Em comum, demonstraram que, enquanto as teorias modernizadoras perdiam força, o paradigma da participação ganhava evidência.

A abordagem Participativa encontrou maior eco nessas décadas, período em que foi apresentado formalmente o conceito de Desenvolvimento Sustentável no Relatório de Brundtland e quando o termo foi sendo legitimado. Paralelamente, nesses 20 anos, foi reforçado o conceito de Desenvolvimento se referindo a pessoas (SCHUMACHER, 1983; MAX-NEEF, 2012) e os enfoques humano e social. Também nessas décadas, houve uma maior valorização da cultura e a tecnologia ganhou evidência nos debates sobre Comunicação. Com isso, a Comunicação de Massa passou a dividir espaço com uma comunicação mais horizontal e multidirecional, por conta do novo contexto tecnológico. Para McAnany (2012), a novidade e, ao mesmo tempo, a ironia, é que essa abordagem define como essencial a participação das pessoas no seu próprio desenvolvimento, justamente numa era de aumento da informação tecnológica.

Nos anos 1990, o mundo se organizava em torno de redes conectadas de computadores e a internet tornava-se um fenômeno social, cultural e econômico, representando um desafio para as formas de comunicação e para a organização geral da sociedade (GUMUCIO-DAGRON; TUFTE,

2008). O cenário passou a ser composto tanto por uma Sociedade de Massa, como também por uma Sociedade em Rede.

Nesse contexto, as teorias clássicas da CD – Modernização, Dependência e Participativa – deram passo aos enfoques contemporâneos. No novo milênio, a CD, com seus mais de 50 anos de vida, apresenta-se com uma diversidade de nomenclaturas, temas e abordagens, os quais têm, como pano de fundo, uma fusão da Sociedade de Massa com a Sociedade em Rede; a comunicação vertical, horizontal e multidirecional; o questionamento do desenvolvimento sustentável e a manifestação de alternativas a ele; os novos movimentos sociais e, ainda, o clamor pelo desenvolvimento das nações.

Num panorama resumido do que emerge na CD pós-2000, pode-se mencionar o enfoque no papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Desenvolvimento; no poder mobilizador da mídia social (Midiatização); nas tecnologias de comunicação digital; na convergência das mídias; nos movimentos sociais e na participação comunitária; nos direitos de comunicação na sociedade da informação; no Bem Viver (comunicação indígena); na Dialogicidade; e na Performatividade. Há discussões em torno do Desenvolvimento que consideram aspectos sociais; que empregam um enfoque holístico, no qual bem-estar e felicidade tornam-se indicadores; que se voltam para o Bem Viver etc.

No âmbito da Comunicação, vive-se, na contemporaneidade, uma era marcada pela interconexão (GIDDENS, 2008). Não obstante o protagonismo das novas tecnologias, cabe ressaltar o ressurgimento da valorização da comunicação como Diálogo, abordado como modelo de comunicação, como comunicação interpessoal e como processo de deliberação pública (ÁNGEL; BARRANQUERO, 2015). Emerge o modelo teórico comunicacional do diálogo mediado pelas novas tecnologias, apontando uma ruptura com a unidirecionalidade e com a centralização das comunicações, sendo útil na discussão sobre o ciberespaço e a Sociedade em Rede (LIMA, 2001). Se o modelo parecia inadequado para a comunicação de massa (unidirecional e centralizada), hoje a nova mídia reabre as possibilidades de um processo dialógico mediado pela tecnologia.

De uma predominância inicial de três paradigmas – Modernização, Dependência e Participativo – a CD chega no novo milênio com inúmeras abordagens e sem um modelo dominante. A proliferação de pesquisas, estudos, iniciativas e obras tornou o campo um verdadeiro quebra-cabeça. Atualmente, existem tantas abordagens quanto autores e perspectivas na CD. Apesar da conectividade possibilitada pelas novas tecnologias e pela internet, os estudos estão desmembrados da arquitetura central do campo da CD.

O percurso das abordagens teóricas da Comunicação para o Desenvolvimento do surgimento à atualidade e sua relação com as Teorias da Comunicação e o Desenvolvimento pode ser sintetizado na Figura 1³:

³ *As Teorias da Comunicação foram classificadas de acordo com o modelo teórico de Lima (2001).

Figura 1: Mapa das Abordagens Teóricas da CD



Fonte: Hostin (2018).

Considerações finais

Sem comunicação não há desenvolvimento (FAO, 2007). Essa premissa sela a intrínseca relação entre Desenvolvimento e Comunicação e justifica a necessidade de revisar os pressupostos teóricos da Comunicação para o Desenvolvimento (CD), evidenciando as relações do campo da CD com as teorias da Comunicação e do Desenvolvimento.

Em termos gerais, pode-se concluir que o percurso do campo da CD é complexo e multifacetado, pois diferentes contextos e diferentes diagnósticos exigiram diferentes soluções. Paralelamente, os conceitos de Desenvolvimento, Comunicação e CD variaram de acordo com a

década, com a cultura, com as comunidades e com os estudos. Na contemporaneidade, com a conexão das redes pelos meios tecnológicos, o campo da CD se expandiu sem uma base teórica uniforme.

Nesse sentido, uma das contribuições da presente pesquisa foi a apresentação do Mapa das Abordagens, uma forma de agrupar, em nível teórico, os enfoques da CD e assentá-las sob uma mesma arquitetura. O trabalho fornece subsídios para uma análise da relação entre as teorias da Comunicação, do Desenvolvimento e da própria CD ao longo do tempo. Como oportunidade de estudo, sugere-se a realização de um trabalho que amplie a compreensão sobre as abordagens emergentes da Comunicação para o Desenvolvimento especialmente pós-ano 2000, quando se acentua a centralidade das novas tecnologias nos processos de comunicação.

Referências

ÁNGEL, A.; BARRANQUERO, A. Mapa de objetos y perspectivas en comunicación, desarrollo y cambio social. *Universitas Humanística*, 81, p. 91-118. 2015.

BARRANQUERO, A. Latinoamérica en la ruptura del paradigma de la comunicación para el desarrollo. El recorrido de los pioneros en la búsqueda de alternativas democráticas. *Punto Cero*, Cochabamba, v. 10, n. 11, p. 7-22, jul. 2005.

BARRANQUERO, A; SÁEZ, C. La crítica descolonial y ecológica a la comunicación para el desarrollo y el cambio social. *Palabra Clave*, v. 18, n.1, p. 41-82. DOI: 10.5294/pacla. 2015.

BELTRÁN SALMÓN, L.R. **La Comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: Un recuento de medio siglo**. Documento presentado al III CONGRESO PANAMERICANO DE LA COMUNICACIÓN, Buenos Aires, Argentina, 2005.

CHAPARRO, M.C. Viejos y nuevos paradigmas. In: MELO, J. M.; GONÇALVES, E.; BIZELLI, J. L. (Orgs.). **Comunicação para o desenvolvimento: pensamento e ação**. Cultura Acadêmica: São Paulo, 2012. p.19-41.

DE BUSTOS, J.M. **Comunicación Sostenible y Desarrollo Humano en la Sociedad de la Información**. Madrid, España: AECI, 2007.

DEL VALLE, C. Comunicación participativa: aproximaciones desde América Latina. *Redes.com*, 4, 113-130, 1997.

ESCOBAR, A. El “postdesarrollo” como concepto y práctica social. En: **Políticas de economía, ambiente y sociedad en tiempos de globalización**, p. 17-31. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 2005.

FAO. **The Communication Initiative; Food and Agriculture Organization of the United Nations; World Bank. World Congress on Communication for Development: Lessons, Challenges, and the Way Forward**. Washington, DC: World Bank, 2007.

FURTADO, C. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008.

GUMUCIO-DAGRON, A. Comunicación para el cambio social: clave del desarrollo participativo. *Revista Javeriana*, agosto de 2010.

GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (Orgs.). **Antología de comunicación para el cambio social. Lecturas históricas y contemporáneas**. New Jersey/La Paz: Communication for Social Change Consortium/Plural, 2008.

HOSTIN, R. Comunicação para o Desenvolvimento: percurso teórico-metodológico das abordagens clássicas aos enfoques contemporâneos. **Dissertação de Mestrado** do PPGDR da Universidade Regional de Blumenau, 2018.

LERNER, D. **The passing of traditional society: modernizing**. Middle East, Free Press of Glencoe, New York, 1958.

LIMA, V.A. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARQUES DE MELO, J. (Org.). Comunicação e modernização das sociedades tradicionais: a teoria de Lerner e sua aplicabilidade ao Brasil. In: MARQUES DE MELO, José. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 20-35.

MAX-NEEF, M.A. **Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores**. Tradução por Rede Viva. Blumenau (SC): Edifurb, 2012.

MCANANY, E. **Saving the World: A Brief History of Communication for Development and Social Change**, University of Illinois Press, 2012.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social. In: Aristides Monteiro Neto. (Org). **Sociedade, política e desenvolvimento** – livro 2. 1ed. Brasília:IPEA, 2014, v. 2, p. 161-195.

_____. A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultu@. In: Encontro da COMPÓS, 21. Juiz de Fora, **Anais...**2012.

ROGERS, E.M. **Diffusion of innovations**, 3ª edição. New York: The Free Press, 1983.

SCHRAMM, W. Lo que la comunicación masiva puede hacer y lo puede ayudar a hacer por el desarrollo nacional [1964]. In: GUMUCIO DAGRON, A.; TUFTE, T. (Orgs.). **Antología de comunicación para el cambio social**. Lecturas históricas y contemporáneas. New Jersey/La Paz: Communication for Social Change Consortium/Plural, 2008. p. 81-93.

SCHUMACHER, E. F. O negócio é ser pequeno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.

SERVAES, J. Paradigmas de la comunicación y el desarrollo: una reseña. In: GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (Orgs.). **Antología de comunicación para el cambio social**. Lecturas históricas y contemporáneas. New Jersey/La Paz: Communication for Social Change Consortium/Plural, 2008. p. 465-473.

_____. Comunicación para el desarrollo: tres paradigmas, dos modelos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v.1, n. 1-2, p.19-53, 2004.

SERVAES, J.; MALIKHAO, P. Development Communication Approaches in an International Perspective. In SERVAES, J. (ed.), **Approaches to Development Communication**, UNESCO, Paris, 2003, p. 124.

WAISBORD, S. Arbol genealógico de teorías, metodologías y estrategias de comunicación para el desarrollo. Fund. Rockefeller, N. York, 2002. Fund. Rockefeller, N. York, 2002.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.